

Eis Bocage...

Daniel Pires¹

RESUMO

Este pequeno texto pretende assinalar a realização pela Biblioteca Geral da Universidade de duas exposições acerca de Bocage: uma nos 250 anos do seu nascimento (Sala do Catálogo, 28 de abril a 29 de maio de 2015) e outra na Biblioteca Joanina (23 de janeiro a 4 de março 2017), pensada para um público internacional.

PALAVRAS-CHAVE

Bocage (1765-1805); Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, exposições.

ABSTRACT

This short text on Bocage stands as a memento for two exhibitions: one celebrating the 250th anniversary of his birth, displayed in the Catalogue room of the General Library (April 28th-May 29th 2015) and the other organized for an international audience on display in Joanina Library, between January 23th and March 4th 2017.

KEYWORDS

Bocage (1765-1805); University of Coimbra. General Library, exhibitions.

Manuel Maria Barbosa du Bocage nasceu na então vila de Setúbal, no dia 15 de setembro de 1765, filho de uma senhora de ascendência francesa e de um jurista, membros da burguesia esclarecida.

1 Investigador do Centro de Estudos Bocageanos – danielpires@netcabo.pt

Neto de um oficial francês que viera organizar a nossa marinha no início do século XVIII, cedo revelou a sua sensibilidade literária, incentivada por um ambiente familiar propício.

Quando completou 16 anos, sem alternativas, Bocage optou pela carreira das armas, seguindo deste modo, a tradição familiar. Depois de uma breve passagem pelo exército, matriculou-se na “Academia dos Guardas-Marinhas”, que acabara de ser fundada em Lisboa. O seu espírito antimilitarista prevaleceu e esteve na origem de uma deserção, ocorrida quando tinha dezanove anos. Uma amnistia permitiu-lhe regressar às forças armadas, sendo então enviado para Goa.

No Brasil apenas esteve alguns dias; rumou depois para o Estado da Índia. A sua estada neste território caracterizou-se por uma profunda desadaptação. Com efeito, o clima insalubre, a vaidade dos autóctones e a estreiteza cultural que aí observou conduziram-no à rejeição da sociedade de Goa, que mais se acentuou por ter sido mobilizado contra a sua vontade. Deu então livre curso à sua sátira corrosiva:

Das terras a pior tu és, ó Goa,
Tu pareces mais ermo que cidade,
Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.

A crítica social foi por Bocage amplamente cultivada também como forma de combater os podres sociais, contribuindo, assim, para a reforma de uma sociedade decadente.

Enquanto se encontrou em Goa, a sua verve poética não se circunscreveu à sátira: composições de um lirismo notável e de carácter introspectivo saíram da sua pena fecunda, como por exemplo aquela em que se compara ao nosso épico:

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!

Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar c’o sacrílego Gigante.

Promovido a tenente, Bocage foi nomeado para Damão, tendo voltado a desertar. Andarilho impenitente, conheceu a Índia e a China, sendo assolado pela fome e pela indiferença, assinaladas na sua poesia. Aportou, finalmente, a Macau, cidade onde compôs elogios e uma sátira que constitui um documento elucidativo acerca da situação sociopolítica ali existente.

De regresso a Portugal em 1790, aderiu à “Academia de Belas-Letras”, uma associação literária que pretendia retomar a acção meritória da “Arcádia Lusitana”. Um ano depois, Bocage publicou o primeiro tomo das *Rimas*, obra que constituiu uma pedrada no charco no panorama literário nacional da época, pouco fecundo no que à poesia dizia particularmente respeito.

O seu convívio com os poetas daquela academia cedo se deteriorou: estavam em causa diferenças substanciais na forma de perspectivar o mundo e a própria poesia, para além da inveja nutrida pelos seus antagonistas, que ficaram na história da nossa literatura, convocados pela pena contundente do escritor:

Preside o neto da rainha Ginga
À corja vil, adúladora, insana.
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos desiguais se esgota a pinga;

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Rapada, amarelenta cabeleira,
Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda,
Boca, que à parte esquerda se acomoda
(Uns afirmam que fede, outros que cheira);

Em 1794, ocorreu uma cisão naquela academia, registando-se a expulsão de Bocage, ou, eventualmente, a sua auto-marginalização, para gáudio dos seus inimigos, que não lhe perdoavam a sua inspiração, a sua voz peculiar e a forma depurada como compunha.

Na capital, vivenciou a boémia, frequentou os cafés, que alimentavam o ideário da Revolução Francesa, satirizou a sociedade anémica que o tolhia, desbaratou, por vezes, o seu imenso talento em ataques personalizados, para responder a outros não menos viscerais; assumiu, por outro lado, a sua sexualidade de forma inequívoca, fazendo circular, clandestinamente, composições que se encontravam à revelia da moral católica e preconceituosa:

Amar dentro do peito uma donzela,
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura,
Falar-lhe, conseguindo alta ventura,
Depois da meia-noite na janela;

Fazê-la vir abaixo, e com cautela
Sentir abrir a porta, que murmura;
Entrar pé ante pé, e com ternura
Apertá-la nos braços casta e bela;

A sua vida boémia e os seus panfletos clandestinos puseram-no na mira de um autocrata, o intendente-geral da polícia, Diogo Inácio de Pina Manique, que o encarcerou no Limoeiro. Valeu-lhe, então, a ampla solidariedade de várias personalidades da nobreza e da burguesia, designadamente José de Seabra da Silva, ministro do Reino, que pôs em prática uma estratégia cirúrgica para o libertar. O poeta foi, em seguida, enviado para a Inquisição, que já não detinha o poder discricionário anteriormente usufruído, e, mais tarde, para o convento de S. Bento e para o Hospício das Necessidades, tendo em consideração a necessidade, na óptica do poder, de ser “reedu-

cado”. Durou esta saga um ano, tendo recuperado, em 1798, a tão almejada liberdade, por ele omnimodamente incensada em poemas de intervenção social que punham em causa os valores serôdios do Antigo Regime:

*Liberdade querida e suspirada,
Que o Despotismo acérrimo condena;
Liberdade, a meus olhos mais serena
Que o sereno clarão da madrugada!*

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

*Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia).*

No ano seguinte, Bocage publicou o segundo volume das *Rimas*, a forma mais pertinente que encontrou para agradecer aos Amigos os múltiplos esforços feitos em prol da sua libertação.

Em 1800, começou a exercer o cargo de tradutor da Tipografia Calcográfica do Arco do Cego, dirigida pelo cientista José Mariano Veloso, auferindo 12.800 réis mensalmente. Pouco depois, aquela empresa foi encerrada, tendo Bocage passado por momentos agudos que se prendiam com a própria sobrevivência. Valeram-lhe, então, os correligionários da Maçonaria, porque o poder, uma vez mais, o condenou a um amargo ostracismo.

O poeta voltou a conhecer os interrogatórios inquisitoriais, em 1802, acusado de pertencer àquela organização. Porém, nada se provou, tendo o seu processo, existente na Torre do Tombo, sido arquivado.

Dois anos mais tarde, publicou o último tomo das suas *Rimas*, que dedicou à Marquesa de Alorna, escritora que também sofreu as agruras da perseguição de Pina Manique.

Bocage foi um dos maiores poetas portugueses, eventualmente o mais popular, pois continua a ser recorrente na memória colectiva do país. A crítica considera-o, a par de Camões, o sonetista mais depurado da nossa literatura, sendo paradigmáticas as suas composições líricas, cujo apuro formal é notável:

*Marília, nos teus olhos buliçosos
Os Amores gentis seu facho acendem,
A teus lábios voando, os ares fendem
Terníssimos desejos sequiosos.*

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

*Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
(...)
Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira
Mais tristeza que a noite me causara.*

As fábulas que escreveu e as que traduziu de La Fontaine, considerando o seu carácter universalista e pedagógico, têm sido fonte contínua de inspiração e de formação para várias gerações. Bocage distinguiu-se ainda como tradutor do francês e, especialmente, do latim, sendo responsável pela versão portuguesa de poemas, contos e romances da autoria de, entre outros, Voltaire, Virgílio, Ovídio e Cervantes.

O último ano da sua vida caracterizou-se pelo sofrimento, provocado por um inexorável aneurisma, que, paulatinamente, lhe foi minando a saúde frágil, debilitada por um quotidiano pouco regrado e pelas sequelas provocadas pela sua detenção, em condições infra-humanas, no Limoeiro.

Faleceu, em Lisboa, no dia 21 de dezembro de 1805, aos quarenta anos, perante a comoção geral da sociedade portuguesa. Prestaram-lhe sentidas homenagens, em unísono, aqueles que lhe tinham manifestado, ao longo da vida, a sua Amizade, bem como os seus inimigos, entre outros José Agostinho de Macedo e Belchior Curvo Semedo. A literatura portuguesa perdeu um dos seus mais lídimos poetas e uma personalidade plural, que, para muitas gerações, incarnou o símbolo da irreverência, da frontalidade, da luta contra o despotismo e de um humanismo integral.

(Página deixada propositadamente em branco)